



Recebido em 11/08/2020

Aceito em 21/09/2020

DOI: 10.26512/emtempos.v1i37.33231

DOSSIÊ

Disciplina e ordem nas telas do Cine Jornal Brasileiro: os “sócios” do poder no Estado Novo

Discipline and order on the screens of Cine Jornal Brasileiro:
the “partners” in power during Estado Novo's regime

Alvaro Eduardo Trigueiro Americano

Doutor em Comunicação, Cultura e Artes pela Universidade do Algarve
Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora
orcid.org/0000-0003-2547-4731
alvaro.americano@ufff.edu.br

Leticia Barbosa Torres Americano

Doutora em Comunicação, Cultura e Artes pela Universidade do Algarve
Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora
orcid.org/0000-0001-7373-4978
leticia.torres@ufff.edu.br

RESUMO: Durante o período do Estado Novo no Brasil (1937-1945), os militares foram uma importante força de sustentação do presidente Getúlio Vargas. Neste artigo, investigamos como essa parceria no exercício do poder foi apresentada nas edições do *Cine Jornal Brasileiro* (1938-1946), um componente na estratégia de propaganda política do regime. As Forças Armadas foram tema e assunto recorrentes do *CJB* como parte da aposta do governo para convencer a sociedade a aceitar os moldes ideológicos do estado autoritário instaurado no país.

PALAVRAS-CHAVE: Cine Jornal Brasileiro. Estado Novo Brasileiro. Propaganda política.

ABSTRACT: The military was a key ally of President Getúlio Vargas during the Estado Novo regime in Brazil (1937-1945), with a strong role in its ideological representation. In this article, we investigate how this partnership in the exercise of power was shown in the newsreel *Cine Jornal Brasileiro* (CJB), between 1938 and 1946, a component of the regime's political propaganda strategy. The Armed Forces were a recurring theme and subject of the CJB as part of the government's commitment to convince society to accept the ideological molds of the authoritarian state that was established in the country.

KEYWORDS: Newsreel. *Cine Jornal Brasileiro*. Brazilian Estado Novo. Political propaganda.

Não havia como esquecer-los. O regime autoritário instaurado em 1937 no Brasil foi apoiado pelos militares desde o começo. Por isso, o *Cine Jornal Brasileiro* (CJB), produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), procurava dar toda a atenção às forças de segurança. A razão era pragmática: Vargas precisava manter uma política de proximidade para garantir a continuidade do apoio militar ao seu governo e conseguir manter-se no poder.

O Estado Novo nas telas brasileiras

O *Cine Jornal Brasileiro* foi um dos instrumentos estratégicos usados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda para a divulgação dos valores e objetivos do Estado Novo. A ambição foi tornar o veículo atrativo para o maior número de pessoas - e não apenas no Brasil - mas também onde as exibições fossem possíveis fora do território nacional.

O cinejornal era semanal, com a duração média de 10 minutos, e distribuído sem custos aos cinemas, que estavam obrigados por lei a apresentar um conteúdo nacional antes das suas sessões principais - que eram, na maioria, filmes de longa-metragem importados dos Estados Unidos ou da Europa. As primeiras 127 edições do *Cine Jornal Brasileiro* foram produzidas pela *Cinédia*¹, porque o DIP não tinha equipamento nem pessoal especializado para a tarefa. O primeiro número foi apresentado em outubro de 1938 e ele continuou a ser produzido até 1946.

Há 442 edições com sinopses no site da Cinemateca Brasileira, mas há informação que foram produzidos 607 programas. Ainda assim, no espaço físico da Cinemateca, onde estão guardadas as cópias do cinejornal, apenas 175 números – em formato digital - são disponibilizados para visionamento. Uma parte expressiva da produção se perdeu e não apenas nos incêndios causados pelas características do suporte em que foram originalmente feitos. Os filmes à base de nitrato de celulose podem entrar em combustão espontânea, sem a possibilidade de ser salvos da destruição total a partir desse momento. Outro problema comum foi o empréstimo de partes do jornal para a utilização em documentários ou ilustrações de cenas da época e que não foram devolvidas posteriormente ou acabaram perdidas por quaisquer motivos.

É importante destacar que, apesar do trabalho de organização levado a cabo pela Cinemateca Brasileira, não é possível determinar com segurança quando cada cinejornal foi exibido, porque a identificação do material está relacionada às informações de quando ele foi examinado e liberado pela censura, na época, para apresentação nos cinemas. Além disso, é também comum encontrar os jornais fora da ordem em que foram produzidos ou, o que é mais grave, com alguns números que não apresentam nenhuma referência sobre o seu conteúdo.

¹ A *Cinédia* foi uma produtora de filmes brasileira fundada em 1930 por Adhemar Gonzaga. A empresa produziu dramas, comédias, musicais e chanchadas (filmes com humor popular, ingênuo e burlesco).

Outras questões que devem ser levantadas dizem respeito às condições de conservação e também de recuperação do acervo, tarefas que a Cinemateca tem a cada ano encontrado mais dificuldade para cumprir, pelas contínuas reduções orçamentárias a que é submetida, atrasos no repasse de recursos e pela falta de funcionários especializados, resultado da falta de interesse do poder público para a manutenção da instituição.

Com relação especificamente ao *CJB*, além da não existência de vários números à disposição no acervo - apenas cerca de 30% de todo o material produzido pode ser assistido - também não é possível encontrar materiais produzidos pelo DIP que tragam informações detalhadas sobre a produção do cinejornal. Desse modo, as decisões que levaram à cobertura de determinados assuntos em uma edição, a importância que era dada a cada um, assim como o tempo de duração de cada matéria ainda são áreas sujeitas à especulação e à sensibilidade de quem examina os números do *CJB*.

Durante a maior parte do tempo de vida do cinejornal foram abordados os interesses nacionais sob o prisma do Estado Novo. Em suas produções podem ser encontradas as linhas de divulgação da ideologia estatal e as realizações do regime nas mais diversas áreas, além da apresentação das belezas naturais do Brasil. Havia ainda edições que abordavam temas específicos, que procuravam apresentar um país continental, ainda desconhecido por grande parte de sua própria população.

Parceiras do regime e garantia de sua continuidade e estabilidade, as instituições militares foram continuamente foco do *Cine Jornal Brasileiro*. Assim como o presidente, elas apareceram - ou foram citadas - mesmo em momentos que não eram os personagens principais das matérias apresentadas. Representantes das Forças Armadas, policiais militares e bombeiros emprestaram seu apoio e solidariedade ao regime pela simples constatação da sua proximidade ao poder durante as atividades focalizadas pelos cinejornais. Assim, não surpreende que a apresentação dos militares uniformizados, mesmo anônimos, tivesse importância na edição das imagens que iam às telas dos cinemas. Na via de mão dupla, se as Forças Armadas eram o esteio do regime, também ganhavam importância decisiva como atores de destaque e influência na vida nacional.

O combate aos problemas nacionais - desde os mais urgentes como a fome, a doença, a falta de higiene e o analfabetismo - até os de criação de uma infraestrutura industrial para permitir o progresso do país, também foram tema de edições do *Cine Jornal Brasileiro*, que os apresentavam como as barreiras que precisavam ser vencidas. A solução, no entanto, só podia ser encontrada através das respostas oferecidas pelo Estado e, em boa parte das vezes, pela ação das Forças Armadas.

Análise de conteúdo

Para o presente trabalho escolhemos utilizar como metodologia a Análise de Conteúdo, por fornecer um conjunto de técnicas, procedimentos e ferramentas que julgamos adequadas para o diálogo com o nosso objeto de pesquisa. Conforme Bardin (1977), a análise é uma das possibilidades para que, através da utilização dos métodos mobilizados para sintetizar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, dois objetivos

principais sejam alcançados, ou seja, “a ultrapassagem da incerteza” e o “enriquecimento da leitura”.

Quanto ao primeiro, a autora afirma que ele possibilita o exame da pertinência de uma observação pessoal sobre determinada situação, para que ela possa ser considerada não apenas válida, mas também tenha a propriedade de se tornar, de fato, generalizável. Já o segundo diz respeito ao aprofundamento da leitura e a observação de uma determinada mensagem para que seja possível a descoberta; “(...) de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não detínhamos a compreensão.” (BARDIN, 1977: 29).

Seguindo as referências da Análise de Conteúdo, a proposta de usar o padrão para pesquisas mais adotado, – e que garante maior confiança estatística - ou seja, trabalhar com o nível de confiança de 95% e a margem de erro de 5%, implicaria que teríamos pela frente a análise de 236 programas do *CJB* produzidos, o que é impossível, pela disponibilidade reduzida de material para o visionamento e consulta. Nossa decisão foi então proceder ao levantamento das sinopses de todas as edições elencadas pela Cinemateca Brasileira – 442 números – para construir um arcabouço que estivesse mais próximo da realidade do cinejornal e assistir a todos os números disponíveis na Cinemateca Brasileira.

Foram levantadas e classificadas o total de 1901 notícias, assim distribuídas:

Edições catalogadas pela Cinemateca Brasileira

	Edições Catalogadas	Total de Matérias
1938	07	21
1939	45	179
1940	76	287
1941	96	414
1942	69	334
1943	61	276
1944	45	201
1945	43	189
Total	442	1901

Quadro 1

Com o objetivo de assegurar inferências relevantes ao trabalho, após a verificação das notícias veiculadas foi feito o cruzamento das mesmas com as matérias publicadas em jornais da época, através especialmente dos acervos dos jornais *O Globo*, do Rio de Janeiro, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* e de publicações que podem ser acessadas através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Também foram pesquisados livros e teses que trataram do período do Estado Novo e, mais especificamente, do *Cine Jornal Brasileiro*. Foram fundamentais ainda os “Diários” de Getúlio Vargas, as diversas publicações que trataram da biografia do presidente, os livros de memórias da filha de Vargas, Alzira Vargas do Amaral Peixoto e do interventor do Rio de Janeiro durante boa parte do Estado Novo - e genro de Getúlio Vargas - Ernâni do Amaral Peixoto. O material foi essencial para o cotejamento sobre a aproximação dos discursos de Vargas e as matérias do *Cine Jornal*

Brasileiro, quando procuramos encontrar os fundamentos ideológicos do Estado Novo para a construção da nação brasileira ou, pelo menos, da imagem projetada pela propaganda do regime.

Arbitrariamente, definimos quatro categorias presentes nas edições do *CJB*: Getúlio Vargas, que era a figura mais importante do Estado Novo e, por isso, a propaganda estatal tinha como um dos seus principais objetivos divulgar e construir a imagem do chefe da nação, com matérias que enfatizaram suas ações; “Sócios” do poder, com a abordagem dos temas ligados às qualidades intrínsecas dos integrantes das Forças Armadas - como sua disciplina e preparação física – e a sua importância “fundamental” para o desenvolvimento do país; em *O regime do trabalho*, estão incluídas as propostas de industrialização e desenvolvimento do Brasil, entre elas a “Marcha para o Oeste” - como foi chamada pelo regime a decisão de ocupar as terras despovoadas do interior do Brasil, em especial o Centro-Oeste e a Região Amazônica -, as referências de Vargas à necessidade do trabalho para a conquista da dignidade individual e para o desenvolvimento da nação, além de algumas das principais referências à política social estadonovista, ou seja, os benefícios concedidos pelo Estado aos trabalhadores; Pan-americanismo e guerra, abarca os trechos do discurso de Vargas relacionados à importância assumida – ou presumida - do país entre as nações, a defesa de uma geopolítica direcionada à formação de um bloco pan-americano, além das referências aos inimigos externos que ameaçaram o país no contexto da IIª Grande Guerra.

Neste artigo vamos abordar a imagem dos militares construída no *CJB* e como a estratégia era fundamental na propaganda do Estado Novo, por isso o trabalho tem como foco a categoria “sócios do poder”.

Parceiros no poder

Desde a Revolução de 1930, quando Getúlio foi alçado à condição de chefe da nação, havia a influência dos setores militares nas decisões do governo, mas sete anos depois a situação do país propiciou que a parceria entre eles atingisse novos níveis.

As tratativas do presidente com os principais expoentes das Forças Armadas em 1937 – os generais Góis Monteiro e Gaspar Dutra – com relação ao fechamento do regime são fartamente documentadas pela historiografia do Estado Novo. Não é de causar espanto então, que o Plano Cohen² tenha sido produzido por um militar – só o motivo que o levou a escrever o ensaio ainda pode causar algum tipo de discussão - e divulgado como uma apreensão espetacular do regime, com o testemunho de sua veracidade, à época, garantido pelos interlocutores militares de Vargas na decretação

² O “Plano Cohen” foi apresentado como um documento apreendido pelas Forças Armadas e atribuído à Internacional Comunista, com instruções para a organização de um golpe comunista e a tomada do poder no Brasil. Apenas em 1945 foi revelado que o plano, na verdade, era uma fraude usada para justificar o Golpe de 1937. O documento havia sido elaborado pelo então capitão Olímpio Mourão Filho, adepto da Ação Integralista Brasileira para, segundo ele mesmo, ser utilizado como uma simulação de uma possível revolução e que deveria ser discutida apenas internamente, no âmbito da AIB.

do Estado Novo - uma forma de resistência ao pretense golpe comunista que estaria sendo urdido contra o governo.

Podia ser que esse motivo bastasse para garantir a convergência de interesses entre Vargas e as Forças Armadas, mas havia outras questões importantes que aproximavam os dois atores. A ideologia do Estado Novo era direcionada à construção de um regime autoritário, centralizado e forte. Nada mais apropriado aos preceitos básicos dessa doutrina do que as características que eram apontadas como inerentes aos militares, ou seja, disciplina, organização, força, obediência à hierarquia e patriotismo. Eram essas as “qualidades” desejadas para capacitar a sociedade na construção da nação sonhada pelos dois “sócios” no poder.

As referências às Forças Armadas nos discursos de Vargas foram, na maioria das vezes, direcionadas à exaltação do cumprimento de suas obrigações com relação ao país – e ao regime do qual era fiador – e à capacidade de garantir a defesa do Brasil contra agressões, não apenas pelo material humano disponível, mas também pelos armamentos que o Estado Novo havia diligentemente providenciado e colocado à sua disposição.

Em junho de 1938, por exemplo, no lançamento da pedra fundamental da Escola Militar de Resende (hoje Academia Militar das Agulhas Negras), Getúlio discursou e deixou claro quem foram os parceiros para a instituição do regime que ele comandava;

O Estado Novo foi instituído por vós, e, para a sua sustentação, está empenhada a vossa responsabilidade. O governo, instituído por um movimento que encontrou a maior ressonância na opinião pública do país e na adesão das suas classes populares, sente-se cada vez mais apoiado nas forças armadas, reivindicando, como o seu mais alto objetivo, o de aparelhá-las para que possam exercer a sua grande missão cívica e moral. (VARGAS, 2011: 379-380).

Era ainda na história militar brasileira que parte dos símbolos de amor à pátria e heroísmo foram buscados para construir a fabulação necessária sobre um passado glorioso do país. Personalidades como o Almirante Barroso³, que comandou a Armada do Brasil na principal batalha fluvial da Guerra do Paraguai, o Almirante Tamandaré⁴, que é o patrono da Marinha de Guerra do Brasil, o Duque de Caxias⁵, patrono do Exército brasileiro e o general Osório⁶, patrono da Cavalaria do Exército do

³ Francisco Manuel Barroso da Silva (1804-1882) foi um dos mais importantes militares da Marinha Brasileira. Sua atuação na Batalha do Riachuelo, durante a Guerra do Paraguai, valeu-lhe diversas condecorações do Imperador Pedro II, entre elas a Imperial Ordem do Cruzeiro e o título de Barão do Amazonas.

⁴ Joaquim Marques Lisboa (1807-1897), o Almirante Tamandaré é considerado um dos maiores heróis nacionais. No dia em que nasceu, 13 de dezembro, é comemorado o Dia do Marinheiro no Brasil. Ele participou de combates que aconteceram antes da Independência do Brasil, reprimiu revoltas contra o império e comandou a Marinha na Guerra do Prata (contra a Argentina), e na Guerra do Paraguai.

⁵ Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880) foi um militar brasileiro que participou da luta pela Independência do Brasil, na repressão de revoltas contra o imperador Pedro II, da Guerra do Prata e do Paraguai, comandando o Exército brasileiro.

⁶ Manuel Luís Osório (1808-1879) era general do Exército brasileiro e participou das principais campanhas militares brasileiras no final do século XIX, entre elas a Guerra do Prata e a Guerra do Paraguai.

Brasil, foram celebrados como grandes heróis nacionais. Eram o espelho e o exemplo onde a sociedade precisava buscar se reconhecer.

Os números do *Cine Jornal Brasileiro* consultados são a prova de que o discurso varguista e a política de propaganda do Departamento de Imprensa e Propaganda estavam alinhados quanto à questão militar. A análise do jornal demonstra que aproximadamente 25% das matérias exibidas pelo *CJB* tinham as atividades das Forças Armadas como tema. Nesse levantamento constam desde a formatura de novos oficiais, confraternizações, manobras militares, entregas de novos equipamentos, comemorações de datas específicas, desfiles, exposições de ginástica ou, muitas vezes, vários desses assuntos contidos em uma mesma notícia.

Ano	Total de Matérias dos cinejornais	Matérias com o assunto "Forças Armadas"	Porcentagem do total de matérias
1938	21	6	28,5%
1939	179	47	26%
1940	287	67	23%
1941	414	109	26%
1942	334	89	26%
1943	276	72	26%
1944	260	69	26,5%
1945	189	51	27%
Total	1901	510	27%

Quadro 2

Os discursos de Getúlio evocaram pontos que foram refletidos nas edições do *Cine Jornal Brasileiro*, em maior ou menor intensidade. Entre eles, o reaparelhamento das Forças Armadas - com algumas matérias que mostraram a entrega de navios e a fabricação de munição - mas, principalmente, aquelas relativas ao preparo do militar como um exemplo de capacitação para a própria nação, tanto em termos físicos como, principalmente, morais.

Vargas tinha a finalidade de mostrar a importância central dos militares para o Governo, com a indicação de que o regime estava mobilizado para atender as solicitações das Forças Armadas, mas também para atualizar a sociedade civil sobre o poderio bélico das tropas do país. O mundo acompanhava naquele momento a escalada de combates da IIª Grande Guerra. Para os possíveis inimigos internos, o objetivo era uma política de dissuasão, o que não era nenhuma forma inédita de propaganda, mas apenas a aplicação de estratégias antigas para a conquista e defesa do poder, só que agora com o apoio de um relativamente novo meio de comunicação – o cinema.

Com relação às características da preparação militar é onde podem ser encontrados alguns dos exemplos mais próximos do que a ideologia do Estado Novo imaginava para a construção do perfil do brasileiro ideal. É possível observar que, periodicamente, foram abordados assuntos ligados ao treinamento físico dos soldados, o que os tornaria mais aptos para cumprir suas obrigações no trabalho. No entanto, mesmo que as demonstrações de Educação Física no *Cine Jornal Brasileiro* não focalizassem especificamente os integrantes das Forças Armadas e fossem atrações em momentos diversos da vida do Estado Novo – muitas vezes parte de comemorações, jogos civis ou da juventude -, havia uma ligação quase umbilical entre os militares e a

Educação Física no Brasil, porque foram eles – especialmente após a visita da Missão Francesa ao Brasil, em 1919⁷ – que defenderam em primeiro lugar a necessidade de formar professores de Educação Física no país.

Os exercícios para o corpo passaram a fazer parte do projeto de intervenção na sociedade civil, com a criação de padrões militares para garantir o seu controle; “(...) A Educação Física nesse projeto teve um papel importante, nos anos 20 e 30, a medida que ela se transformou em mecanismo acionado pelos militares, no sentido de intervir na sociedade civil, objetivando ajusta-la a ordem e ao progresso.” (GRUNENVALDT, 1997: 200).

A ideias dos militares encontraram amplo respaldo no Estado Novo, apesar das críticas que o método francês sofria em alguns setores do Brasil no início dos anos 1930, embalados pela resistência que ele encontrava até na própria França. A principal questão era a desconfiança quanto a um modelo que, caso fosse adotado pelo Estado, podia apontar para o desejo de militarização da sociedade. Apesar das reclamações, a implantação do ensino de Educação Física naqueles moldes serviu como uma luva aos interesses do regime estadonovista e os discursos de Vargas confirmaram sua convicção quanto ao propósito buscado. Não por acaso, ele costumava a se referir aos benefícios dos exercícios físicos e como eram essenciais para a melhoria da “raça brasileira”.

Entre suas primeiras providências, o Estado Novo logo passou também a intervir na área da educação, com a determinação de que as instituições de ensino, a partir de 1937, fossem obrigadas a seguir normas que favoreciam a divulgação da ideologia do Estado Novo. A Escola Nacional de Educação Física e Desportos não era exceção à regra e, aliás, ela pode ser considerada um dos seus principais exemplos.

Os militares tiveram uma participação decisiva na feitura do decreto-lei n. 1212, que criou a escola que sintetizou toda a experiência que vinham desenvolvendo na EsEFEx. Tiveram um destaque especial, pois eram os diretores. Os militares, mesmo saindo de cena após o Estado Novo, deixaram profundos estigmas que se traduzem na identificação de educação física com a hierarquia, disciplina, rigidez nas formas e condutas, bem como um profundo senso de civismo. Os militares compuseram a linha de frente nos desígnios da ENEFD, nos seus primeiros anos de vida, pelo fato da mesma representar uma instituição que, dentre muitas outras, eram forjadas no sentido de dar sustentação e difusão da ideologia ordeira e progressista. (GRUNENVALDT, 1997: 204).

Os métodos adotados na Escola Nacional de Educação Física e Desportos eram importantes na estratégia estadonovista para “o aperfeiçoamento da raça brasileira” e, por isso, a eles foram providenciados visibilidade. A edição especial do *Cine Jornal Brasileiro* número 002 de 1941, por exemplo, foi totalmente dedicada a mostrar como o governo planejava e colocava em prática os meios para que os brasileiros se tornassem mais sadios e fortes. Para que a união entre a preparação física imaginada pelos

⁷ A missão militar francesa tinha o objetivo de auxiliar na modernização do Exército brasileiro. O contrato inicial foi assinado por quatro anos, mas a missão durou vinte, com renovações sucessivas. Entre os itens do acordo, o Brasil se comprometia a conceder privilégio para a compra de armamentos franceses. (Fonte: CPDOC).

militares - com altas doses de disciplina - e a legitimação da ideologia proposta pelo Estado Novo ganhou corpo, foram providenciadas explicações e a aplicação de conhecimentos científicos. O objetivo do uso de ferramentas colocadas à disposição principalmente pelas Ciências Médicas e Biológicas era a maximização de resultados e a construção de tabelas de aproveitamento. Ao jogar com esse tipo de informação Vargas procurou garantir a adesão da sociedade às ideias de construção do que chamava raça brasileira, planejada pelo Estado.

As matérias que abordaram o assunto sobre preparação física foram encontradas em diversos momentos nas edições do *Cine Jornal Brasileiro*, inclusive quando não eram o foco específico daquela cobertura. É importante lembrar que as apresentações de cultura física eram apreciadas pelo regime e também pelas lentes do *CJB*, que aproveitavam a plasticidade das imagens para apresentar montagens interessantes e bem cuidadas dos exercícios. O quadro a seguir mostra a porcentagem das matérias dedicadas à preparação física, especificamente ligadas aos militares, e quando essa característica era o tema central das matérias. Elas formaram o segundo assunto mais abordado, em média, nas edições do *CJB*, quando o assunto eram as Forças Armadas.

Ano	Total de matérias com o tema Forças Armadas	Total de matérias sobre preparação física	Porcentagem total
1938	6	3	50%
1939	47	13	27,5%
1940	67	12	18%
1941	109	20	18%
1942	89	19	21%
1943	72	10	14%
1944	69	04	5,5%
1945	51	02	4%

Quadro 3

É possível perceber, no entanto, que várias exibições de ginástica são encontradas também em temas diferentes, como formaturas ou comemorações na área militar. É importante destacar ainda que quase todas as demonstrações tinham base no método desenvolvido na Escola de Educação Física do Exército. As poucas exceções encontradas nas edições pesquisadas foram a visita de uma missão japonesa ao Brasil – com a apresentação de técnicas do *jiu-jitsu*, na edição 049 do *Cine Jornal Brasileiro* de 1939 - e as imagens sobre a incorporação da capoeira aos ideais estadonovistas, com a organização de escolas para sua prática, em contraposição à política de marginalização adotada até aquele momento. Com relação à capoeira, em *off*, o locutor explicou que,

(...) tal fato pode ser visto como parte do processo civilizador, no qual o homem (capoeirista) passa a controlar suas emoções para que possa fazer parte e se integrar à sociedade vigente, que sofria forte influência - desde o advento da República – de um discurso médico higienista e seus pressupostos de moralidade sanitária. Segundo Soares (2001), esse projeto de higiene fazia parte de uma estratégia da classe burguesa para civilizar e controlar o modo de vida das classes subalternas, para que a força de trabalho se enquadrasse ao modo de vida capitalista. A partir disso, a educação do físico passa a ser vista como sendo um dos principais meios de disseminação da saúde física e moral,

ou seja, a atividade física pode ser traduzida por uma “visão triunfalista e moralista do exercício físico. Entendido como capaz de curar todos os males da sociedade sejam eles de ordem física, sejam de ordem moral”. (MELLO e SILVA, 2008, p. 133).

As demonstrações de exercícios físicos também eram apreciadas e divulgadas em outros gêneros cinematográficos e em locais os mais diversos na época. Krakauer abordou o caráter hipnótico que as formações quase matemáticas dos corpos de dançarinos causavam nas audiências. O autor escreveu ainda na década de 1920 um ensaio tendo como ponto de partida as *Tillers girls*, uma companhia de revista que havia feito uma turnê pela Europa. As performances permitiam a quase desaparecimento dos corpos individuais das dançarinas, que se desvaneciam em favor de construções geométricas precisas.

Este produto das fábricas americanas de distração (*Zerstreuung*) já não é mais constituído por garotas individuais, mas complexos e indissolúveis de garotas, cujos movimentos são demonstrações matemáticas. Enquanto elas se condensam em figuras nos teatros de revistas, espetáculos da mesma precisão geométrica acontecem no mesmo *estádio* lotado na Austrália e na Índia, para não falar na América. A menor das localidades, na qual esse espetáculo ainda não foi divulgado, será informada por meio do cinejornal da semana. Basta um olhar na tela para entender que os ornamentos consistem em milhares de corpos, assexuados, em roupas de banho. A regularidade de seus desenhos é apludida pela massa, disposta ordenadamente nas tribunas. (KRAKAUER, 2009, p. 92).

Organização, ordenamento e disciplina significaram parte importante do que era necessário para a construção da “raça brasileira” pelo regime de Vargas. Impossível não refletir sobre as observações de Krakauer (2009) ao destacar como a “comunidade popular e a personalidade se dissolvem”, para dar lugar ao pertencimento à massa, em um sistema de uniformização de padrões e expectativas.

No Brasil do final da década de 1930 e início da de 1940, as demonstrações de ginástica no cinejornal apresentavam o “novo” brasileiro, que era forjado pelo também “novo” Estado. Cada integrante das exibições mostrava além de força e elasticidade, a necessidade de coesão, organização e confiança para que a demonstração fosse perfeita e a sequência de movimentos pudesse funcionar.

Também o corpo do operário era fundamental na engrenagem do trabalho e sua domesticação necessária para que servisse à nação. É de se imaginar, pelas informações do *Cine Jornal Brasileiro* 049, de 1939, que apresentou as imagens da inauguração da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, como era a rotina do estabelecimento à época. Com a presença de Getúlio Vargas, a cerimônia seguiu o *script* das congêneres militares, em que não faltavam os momentos solenes e patrióticos que o regime imprimia em seus eventos, como a execução do hino nacional, o hasteamento da bandeira e os tradicionais desfiles dos alunos.

A solenidade inicial era uma amostra da vida que os estudantes levavam na escola, ou seja,

A rotina cotidiana da ENEFD era praticamente a de um quartel. O dia começava com as formaturas matinais onde, invariavelmente, observavam-se aspectos de ordem unida e comandos no modelo militar, o hasteamento da

bandeira e o cantar do Hino Nacional. Logo após, era lida a ordem do dia, por parte da direção da Escola, e a palavra do dia, sempre a cargo de um professor. A formatura não era obrigatória somente para alunos, como também para professores e funcionários. (MELO, 1996, p.42-43).

É interessante ainda, com relação a matéria que mostra a inauguração da Escola Nacional, apontar algumas situações que confirmaram a influência dos militares nos rumos da nova instituição e, de resto, no ensino da Educação Física no Brasil. A primeira observação diz respeito ao desfile dos estudantes e o posicionamento que assumem durante o evento, ou seja, rigorosamente alinhados e organizados em grupos, enquanto transcorre a cerimônia. Em outro momento, a bandeira nacional foi trazida pelas mãos de um militar que a entregou a um dos estudantes, ação plena de significado sobre a confiança depositada na juventude, desde que amparada pela doutrina militar. A narração remete também aos ideais da formação da escola, com o objetivo de “reconstrução nacional” através do trabalho. Parte do juramento dos alunos é destacada pelo locutor: “Juro que serei servidor, soldado, missionário, para sempre e para o alto. Construindo (...) o Brasil luminoso em que nasci.”

Os militares também puderam demonstrar para as lentes do *CJB* como era o treinamento a que eram submetidos os soldados para que adquirissem “vigor e resistência”. Em 1941, uma edição especial do *Cine Jornal Brasileiro* teve como tema único as manobras militares dos cadetes brasileiros. As imagens apresentadas procuraram retratar a preparação dos soldados em diversas situações, além de reafirmar como o condicionamento físico, a organização e a disciplina eram essenciais para que tivessem condições de cumprir sua missão.

Além do preparo para o exercício militar, com o transporte de armamentos, cavalos e marchas, o cinejornal usou a representação de combates, incluindo o áudio de tiros, para tornar a matéria mais atraente. A locução, que descreveu as imagens, procurou elogiar a todo momento as condições em que se encontravam as forças nacionais. Os soldados eram descritos como “(...)precisos, eficientes, disciplinados. Os futuros oficiais demonstram perfeito adestramento físico e excelente instrução militar”. Ou seja, o que o regime propunha para moldar a sociedade dentro de sua perspectiva.

A matéria do *Cine Jornal Brasileiro* tem ainda uma cena inusitada. Em um dos exercícios, que simulava o desembarque da tropa em uma praia, filmado em plano geral, um dos soldados se atrapalha ao sair do barco, perde o equilíbrio e cai espetacularmente na água. A decisão de manter a tomada no jornal é interessante, porque toda a construção anterior e posterior da matéria apontava para a perfeição dos movimentos como o ideal conquistado pelas tropas brasileiras em seu treinamento e aquela pequena cena não podia ser considerada exatamente a melhor propaganda... Mesmo assim a cena foi mantida.

Teixeira (2011) encontrou aproximações possíveis entre as imagens do *Cine Jornal Brasileiro* e documentários nazistas, especialmente *Olympia*, de Leni Riefenstahl. Através de *frames* das produções, ela percebeu semelhanças entre os ângulos das filmagens em diversos exercícios físicos, que apontavam para o culto ao corpo e à perfeição de movimentos que eram proporcionados pelo treinamento

realizado por atletas e soldados. As tomadas de algumas cenas têm realmente inspiração no documentário alemão e demonstram um cuidado maior com as imagens filmadas. Apesar de não contar com as possibilidades de produção da diretora de *Olympia*, a matéria especial apresenta um tratamento superior ao de outras que apresentam exhibições de ginástica.

Ainda com relação ao número especial do *CJB*, depois de algumas demonstrações individuais em aparelhos de ginástica, o cinejornal passou a mostrar a união dos militares para conseguir realizar outras séries de ginástica em que era necessária a participação de mais de um atleta.

Após os exercícios físicos, que procuraram demonstrar uma preparação física completa dos integrantes das Forças Armadas, as imagens passaram a focalizar cenas de manobras militares. Já devidamente uniformizados, os “incansáveis” soldados colocaram em prática a movimentação de todo o treinamento anterior, que retornavam agora nos exercícios de combate, última parte da matéria especial. O texto lido pelo narrador preparou também para a possibilidade do envio de tropas brasileiras para a guerra, o que aconteceria em julho de 1944 com o embarque de mais de cinco mil pracinhas para a Itália.

A guerra, que já participa, aliás, a nação brasileira, abre hoje em dia, no panorama das batalhas, o quadro tremendo do choque de máquinas de incrível poder destruidor. Tudo isso, porém, tanques, redes de arame farpado, tanques, morteiros, artilharia ligeira e pesada, e outros aparelhamentos bélicos, nada mais são do que uma quantidade de material, apoiada na capacidade combativa do homem. Porque é este, na realidade, o elemento fundamental, ponderável da luta, o fator decisivo da vitória. O soldado, em suma, longamente preparado em métodos como estes de que aqui se apresentaram flagrantes. Porque é assim que o soldado brasileiro vem se adestrando, para a sua sagrada missão de defesa, de honra e de soberania (*CJB*, v.2, n. 148, 1942).

A formulação da política de preparação física era essencial para os soldados, mas também era considerada imprescindível no esforço para a melhoria do trabalhador brasileiro que estava no mercado. A preparação da mão de obra também fazia parte do planejamento do Estado Novo e apontava para a necessidade de investimento nos futuros trabalhadores do Brasil, os jovens. Para o regime, a capacitação dos corpos tinha relação direta com o aumento da produtividade no serviço e, por isso, ninguém devia ser deixado parado.

As atividades esportivas, para os ideólogos varguistas, permitiam o contato com estratégias voltadas para a competição e para a vitória, imprimiam disciplina aos praticantes, forneciam noções de trabalho em equipe e aperfeiçoavam os sentidos humanos. Também contribuíam para a formação de corpos mais produtivos e aptos para o trabalho. Elas deviam disciplinar os movimentos e contribuir para a aquisição de hábitos musculares que adaptassem melhor às aplicações úteis da vida dos indivíduos. (DELGADO e SCHUFFNER, 2007: 217).

A doutrina de preparação do corpo trazia ainda a fabulação sobre os desdobramentos que a falta de hábito de praticar exercícios podia trazer às gerações posteriores. Não bastava convencer a população sobre a importância de buscar sua própria melhoria física, para uma vida melhor, mais saudável e produtiva, era

necessário responsabilizar cada um também pela saúde dos seus descendentes. A *Revista do Minas Tênis Clube*, de 1941, por exemplo, afirmou que haveria consequências graves à “sua descendência que factualmente nasceria enfermeira, tarada ou predisposta” sem a prática física.

Por isso, os corpos apresentados como exemplos da prática de exercícios no *Cine Jornal Brasileiro* eram saudáveis, fortes e ágeis – prontos para o trabalho e para o combate – e muito provavelmente também não deviam pertencer ao grupo que a revista acusava de maus hábitos. A ideologia do Estado Novo, no entanto, não receitava as medidas apenas para a classe dos trabalhadores e militares, mas assumiu que a elite nacional também precisava de preparar-se fisicamente.

O esporte foi utilizado como um meio de preparar a elite para o comando da nação. A prática do esporte, para os teóricos do Estado Novo, poderia controlar os nervos, dar firmeza ao espírito e produzir vontade forte, qualidades necessárias aos dirigentes do país. Além disso, a disciplina adquirida com o esporte, a modelagem dos músculos, a alegria, a agilidade, o aprimoramento físico, tudo isso poderia contribuir para transformar a elite brasileira em uma nova elite, com mais disposição para o trabalho, mais hábil, mais moderna. (...)A elite auxiliaria também na preparação do povo para o exercício cotidiano de tarefas relativas ao trabalho, considerado elemento nuclear da cidadania. (DELGADO e SCHUFFNER, 2007: 219).

A ligação dos exercícios físicos com as medidas de higiene e saúde eram preocupação constante, quando o *Cine Jornal Brasileiro* apresentava a necessidade do aperfeiçoamento físico. A edição 197, de 1941, por exemplo, mostrou uma colônia de férias organizada em Icaraí, no Rio de Janeiro, com as atividades realizadas pelas crianças. A matéria começa com todas perfiladas na praia – bem ao estilo militar – para cantar o Hino Nacional. A seguir eram mostradas as práticas de exercícios programadas sob a supervisão e direção de “técnicos de educação física e pediatras”.

Os elogios à iniciativa do governo do Estado prosseguem com as imagens do almoço servido e a presença do interventor do Rio de Janeiro, que “acompanhou de perto todas as atividades”. O texto em *off* destacou ainda que, além da refeição, havia o cuidado de submeter as crianças a exames médicos e ao ensino de regras de higiene.

Apesar do otimismo da matéria, parece óbvio que o cinejornal toca em pontos delicados para o regime, ainda que não sejam expostos claramente, que são os problemas ligados ao déficit alimentar da população, aos problemas de atendimento médico e a falta de conhecimento das noções básicas de higiene.

Em a “Preparação física do soldado brasileiro”, que está na edição 148 do *CJB*, de 1942, há uma oportunidade para mostrar o investimento que as Forças Armadas fazia para conseguir transformar os soldados em combatentes treinados e fortes. As primeiras cenas apresentam os militares divididos em grupos, exercitando-se. Logo depois, em fila, dirigem-se ao Departamento Médico, onde passam por “meticuloso exame” sob a supervisão de profissionais da saúde. O locutor informa a razão daquele cuidado, que “é indispensável, para se verificar a capacidade de cada um, em relação às exigências do regime do curso e de sua missão futura”.

A frase também servia para reforçar a nova postura que o Estado tinha com relação à população como um todo, traduzida na preocupação com relação aos procedimentos ligados à saúde, higiene e adaptação ao trabalho. As medidas visavam a utilização da medicina social para investir na qualificação, requalificação e segurança do trabalhador. “Não se tratava unicamente de curar; havia uma dimensão sanitária que buscava a proteção do corpo e da mente do trabalhador”. (GOMES, 1999: 60).

Na sequência da matéria começam as demonstrações de exercícios de força, equilíbrio e capacidade física dos soldados, que correm, saltam, sobem em cordas e fazem arremesso de peso. Novamente somos informados pela voz em *off* que “o programa da escola é de intensa execução diária, iniciando-se com aulas nos moldes do método francês, básico para a preparação dos alunos”.

Por outro lado, entre as matérias do *Cine Jornal Brasileiro* pesquisadas, a maioria pode ser considerada como uma espécie de coluna social dos militares, isto é, os assuntos tratados são comemorações de datas referentes a batalhas, aniversários de vultos militares nacionais ou de Grupamentos, inaugurações, cerimônias, formaturas, juramentos à bandeira, apresentação de oficiais recém-formados e viagens de autoridades. Normalmente a montagem desse tipo de assunto segue um padrão definido, com planos gerais, imagens da tropa formada, das autoridades, do público, quando está presente, hasteamento de bandeiras e a execução do Hino Nacional. No entanto, talvez a característica mais marcante das cerimônias e que está presente quase invariavelmente nas filmagens do *Cine Jornal Brasileiro* é o desfile - um dos legados militares mais visíveis nas cerimônias do Estado Novo. Homens, mulheres e crianças, nas mais variadas celebrações, eram organizados para reproduzir os desfiles das Forças Armadas. Provavelmente em poucos momentos da vida brasileira tenha havido tantos por todo o território nacional.

É possível perceber que as imagens e os textos do cinejornal acompanham o conteúdo dos discursos de Getúlio quando se refere às “qualidades” inerentes aos militares - e que ele não se cansou de elogiar. As matérias tinham intenções para além da simples exibição do assunto para o público. Uma delas foi mostrar a vida militar como um exemplo para a sociedade. O tipo de abordagem usado procurou “dividir” a população brasileira em duas partes diferentes: a civil, que precisava de exemplos e direcionamento para o seu desenvolvimento, e a composta pelos integrantes das Forças Armadas, que já estavam organizadas nos moldes desejados pelo Estado Novo e por isso deviam ter sua estrutura replicada por todos os setores da sociedade.

A presença dos “eventos sociais” militares, como já destacamos, representam boa parte dos assuntos que o *Cine Jornal Brasileiro* mostrou em suas edições relativas às Forças Armadas. A porcentagem variou entre o máximo de 91% em 1944 (49 matérias nas 55 apresentadas) ao mínimo de 49% em 1938 (23 matérias em 47 apresentadas), excluindo propositalmente o ano de 1938, que tem, com relação aos demais, um número pequeno de edições do *CJB* com a sinopse disponível. O quadro a seguir mostra a tabela de aparição do tema nos anos e edições pesquisados.

Ano	Total de matérias com o tema Forças Armadas	Total de matérias “Eventos”	Porcentagem total
1938	6	2	33,3%
1939	47	23	49%
1940	67	46	68,5%
1941	109	71	65%
1942	89	57	64%
1943	72	51	71%
1944	69	51	73%
1945	51	21	41,5%

Quadro 4

Nas matérias da categoria “Eventos Sociais” o locutor basicamente procede à descrição das imagens que aparecem na tela e têm uma fórmula de montagem simples. No entanto, apesar da apresentação previsível e sem maiores inovações, esses assuntos trazem comumente elogios por parte do locutor quanto à organização e à disciplina dos militares, características tão caras ao regime.

Apesar do número expressivo de matérias consideradas, uma observação que pode ser feita diz respeito à participação do chefe da nação em várias delas, seja na entrega de espadas a cadetes, nas comemorações da fundação de alguma instituição militar ou em banquetes. A presença de Getúlio, como vimos, encerra uma dupla significação para os “sócios” do poder e para o próprio presidente. Para Vargas era a demonstração do apoio que o regime tinha, ao mesmo tempo que reforçava sua representação como líder da nação. Para os militares afirmava o tamanho do seu prestígio junto ao poder e era uma prova de que sua força política era reconhecida e considerada fundamental para o regime.

Por fim, as matérias ligadas aos armamentos, navios e aviões militares também estiveram presentes, ainda que em número reduzido, nas edições do *Cine Jornal Brasileiro*, como demonstra o quadro a seguir.

Ano	Total de matérias com o tema Forças Armadas	Total de matérias com o tema “Armamento”	Porcentagem total
1938	6	1	16,5%
1939	47	6	12%
1940	67	7	10,5%
1941	109	8	7%
1942	89	10	11%
1943	72	10	14%
1944	69	2	3%
1945	51	1	2%

Quadro 5

Apesar de fazerem parte constante do discurso de Vargas, as questões ligadas ao arsenal das Forças Armadas não eram um assunto comum no *Cine Jornal Brasileiro*. Normalmente as poucas matérias sobre os armamentos mostraram as incorporações de navios ou a construção de embarcações para Marinha feita pelo estaleiro nacional.

O *Cine Jornal Brasileiro*, número 1, de 1938, por exemplo, trouxe uma pequena nota com imagens dos navios mineiros “Carioca” e “Cananéia”, quando foram lançados

ao mar, e foi a única edição a trazer o assunto naquele ano. Apesar dos poucos números disponíveis para exame – apenas sete naquele ano – ainda assim deve ser considerado que o tema tinha potencial para ser mais explorado, principalmente ao se levar em conta que os militares reclamavam constantemente da falta de condições efetivas de defesa do país devido aos escassos recursos que dispunham.

A situação não se alterou muito entre os anos de 1939 a 1943 e a presença de matérias que abordaram o rearmamento das Forças Armadas tiveram uma variação de 8% a 16% do total dedicado a assuntos militares. Entre 1944 e 1945 elas diminuem ainda mais e ficam em torno de 4%. Um exemplo desse tipo de matéria pode ser encontrado no *Cine Jornal Brasileiro* número 107, de 1942, com a apresentação das obras do quartel para o 16º Regimento de Infantaria, na cidade de Natal. Enquanto as imagens da obra são apresentadas, o locutor exalta a iniciativa que faz parte de um “vasto programa de aparelhamento de nossa defesa” e que é uma “obra de notável amplitude”. O texto destaca ainda que outros quartéis de emergência também estavam sendo construídos. Provavelmente – apesar de não abordado pelo cinejornal – a construção dos quartéis fazia parte das negociações com os Estados Unidos, no âmbito dos Acordos de Washington de 1942, que previam a instalação de bases militares aeronavais em território brasileiro, como estratégia de abastecimento de tropas aliadas no continente africano e na defesa do Atlântico Sul durante a IIª Grande Guerra.

Uma das explicações da baixa porcentagem dedicada a mostrar os armamentos pode estar ligada à necessidade estratégica de evitar a divulgação do arsenal brasileiro, com a manutenção do sigilo sobre a capacidade bélica do país que, aliás, era bastante limitada, pelo menos segundo os comandantes militares do Estado Novo. Mas a razão podia ser também a dificuldade que o governo encontrou em equipar as Forças Armadas, seja pela falta de recursos, seja pelo boicote imposto pelos países aliados à compra de armas da Alemanha, com quem o Brasil tinha acordos para aquisição de material bélico, ou ainda pela relutância dos Estados Unidos em facilitar o acesso do Brasil a novos armamentos, principalmente por conta das negociações complicadas quanto ao alinhamento do país, em definitivo, contra os países do Eixo. De qualquer forma, o reequipamento das Forças Armadas brasileiras, constantemente citada nos discursos varguistas estiveram, sem dúvida, mais presentes nas palavras do presidente do que nas imagens do cinejornal produzido pelo regime.

Considerações finais

Ao examinar as edições do *Cine Jornal Brasileiro* – sinopses e visionamentos – confirmamos que o conteúdo dos discursos de Getúlio Vargas referentes aos militares estão contemplados nas diversas edições do cinejornal. No entanto, há uma característica interessante, ou seja, as matérias diretamente ligadas às manobras e ao cotidiano dos soldados não chegam a 30% do total do que é apresentado nos jornais cinematográficos – ainda que aí tenhamos incluído também as matérias dedicadas ao aparelhamento das Forças Armadas.

Portanto, é no texto das matérias que cobrem os “eventos sociais” dos militares, onde aparentemente a única motivação era mostrar o fato em si, que são enxertados elogios à postura militar e os benefícios que a vida na caserna trazia para a formação daqueles que eram os exemplos para a nação – obviamente na opinião do poder à época.

Através das imagens e dos textos – repletos de linguagem hiperbólica e adjetivações – foram apresentadas no *CJB* as narrativas construtoras da ideologia que o regime imposto em 1937 pretendia oferecer aos brasileiros. Eram elas a chegada de um tempo melhor, de harmonia, equilíbrio, justiça, força, de esperança no futuro, com trabalho, desenvolvimento e progresso, garantidos por um governo que oferecia a honestidade, a paz e a tranquilidade social. Em troca era exigida “apenas” a renúncia às liberdades individuais e a conformação aos princípios ideológicos propostos. O desafio foi convencer a sociedade de que era isso que ela queria e o preço a pagar ao Estado Novo não era alto demais.

Referências

- AMERICANO, Alvaro. *Cinema, Propaganda e Poder: O Cine Jornal Brasileiro na Era Vargas*. Tese de doutorado. Faro: Universidade do Algarve, 2019.
- CINE JORNAL BRASILEIRO. Brasil. Departamento de Imprensa e Propaganda. Edições de 1938 a 1945.
- DELGADO, Lucília e SCHUFFNER, Luciana. *Esporte, Trabalho e Juventude no Estado Novo: O Caso do Minas Tênis Clube*. In: *Locus: revista de história*, v. 13, n. 2, p. 215-226. Juiz de Fora. Editora UFJF, 2007.
- GOMES, Ângela. *Ideologia e trabalho no Estado Novo*. In: PANDOLFI, D. Org. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999
- GRUNENVALDT, José Tarcísio. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos – o projeto de uma época*. Florianópolis. Motrivivência. UFSC, 1997.
- KRAKAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler*. Una historia psicológica del cine alemán. Barcelona. Ediciones Nueva Visión, 1961.
- MELLO, Diego e SILVA, Marcelo. *A capoeira no contexto do Estado Novo: civilização ou barbárie?* In: *Movimento e Percepção*. Espírito Santo do Pinhal. V.9, n.13, jul/dez. UNIPINHAL, 2008.
- MELO, Victor Andrade. *A Educação Física e o Estado Novo (1937-1945): A Escola Nacional de Educação Física e Desporto*. Buenos Aires. Educación Física y Deportes. Revista Digital, nº 115, 2007. Consultado em junho de 2018. <http://www.efdeportes.com/efd115/a-educacao-fisica-e-o-estado-novo.htm>
- MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Campinas: UNICAMP, Dissertação (Mestrado em Educação Física), 1996.
- REVISTA MINAS TÊNIS CLUBE. Belo Horizonte, jul, 1941.

SCHUFFNER, Luciana Silva. *O Minas Tênis Clube e o Estado Novo: moldando o corpo e mente da juventude de Belo Horizonte (1935-1945)*. Dissertação de Mestrado. PUC Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física: raízes europeias e o Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2001.

TEIXEIRA, Clara Alves. *A documentação do esporte no Estado Novo em comparação com a estética de Leni Riefenstahl*. Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

VARGAS, Getúlio. *1883-1954, atuação parlamentar*. Organização Maria Celina D'Araújo. Brasília. Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. (Série Perfis Parlamentares, n° 62).